

A celebração litúrgica como espiritualidade da Igreja

*Luiz Fernando R. Santana*¹

Resumo: A nossa condição de filhos e filhas de Deus e de membros vivos da Igreja se realiza graças à nossa participação no mistério pascal de Cristo através da celebração litúrgica. Recordando o clássico axioma do Concílio Vaticano II, a liturgia deve ser considerada o “cume” e a “fonte” da vida da Igreja e, por conseguinte, de cada um de seus membros (SC 10). Nesse sentido, a liturgia deve ser tida, por antonomásia, como a própria espiritualidade da Igreja.

Palavras-Chave: Espírito Santo, Igreja liturgia, espiritualidade, mística.

Abstract: Our state of children of God, as well as, living members of the Church is accomplished (thanks to our) through our participation in Christ's paschal mystery by means of the liturgical celebration. As a classic Vatican II axiom reminds us, liturgy shall be reckoned the “summit” and “source” of Church's life, and consequently, of each member's (SC 10). Thus, liturgy, by antonomasia, must be considered as the Church's own spirituality.

Keywords: Holy Spirit, Church, liturgy, spirituality, mystic.

INTRODUÇÃO

“Vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e Verdade” (Jo 4,23). De fato – continua o esse versículo bíblico – “tais são os adoradores que o Pai procura”. Essa declaração feita por Jesus à mulher samaritana é bastante eloquente e extremamente atual. Ela nos estimula a compreender, cada vez melhor, em que consiste essa adoração, uma vez que nela se esconde aquilo que o próprio Deus deseja e procura.

Essa assertiva evangélica nos estimula a apresentar aquilo que intentamos com nossa exposição: mostrar que aquilo que caracteriza a oração cristã enquanto tal é o fato de ser ela, essencialmente, um culto prestado a Deus em “Espírito e verdade”. E isso – e este é o nosso interesse precípuo – se dá em toda a sua pujança em cada ato litúrgico celebrado pela Igreja. Sempre que isso acontece tomamos parte no autêntico prestado a Deus, um culto pneumático realizado por meio de Cristo, o orante ao Pai por antonomásia. À luz da revelação bíblica, com efeito, convém recordar que o Espírito Santo é o protagonista da oração litúrgica. Ele é o “orante” por excelência, o único capaz de transfigurar a existência humana numa oferenda agradável ao Deus.

¹ Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. E-mail: l.fernando2250@gmail.com

A nossa condição de filhos e filhas de Deus e de membros vivos da Igreja se realiza graças à nossa participação no mistério pascal de Cristo, tornada possível através do dom do Espírito Santo. Considerando essa realidade poderíamos, então, nos perguntar: Qual o significado essencial da expressão “espiritualidade cristã”? Como é possível redescobrir e integrar a “espiritualidade cristã” com a presença e a ação do Espírito Santo na vida da Igreja? Em que sentido se pode afirmar que a vida da Igreja depende, fundamentalmente, da sua oração? Como, em última análise, inferir que a expressão “espiritualidade cristã”, equivale, essencialmente a “espiritualidade litúrgica” ou “espiritualidade da Igreja”?

Sem pretender responder a essas indagações, importa-nos enfatizar que a oração da Igreja – a *lex orandi* ou celebração litúrgica – é o ato constitutivo e essencial para que a Igreja sempre redescubra a sua identidade, o seu mistério. Assim se compreendeu a Igreja, desde os seus primórdios. Somos, dessa forma, desafiados a enfrentar uma tarefa de resgate e sábia atualização de um legado que a própria revelação bíblica nos confiou no que concerne precisamente ao tema da “espiritualidade cristã”.

1 A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA COMO ESPIRITUALIDADE DA IGREJA

A situação pós-conciliar, no que se refere à liturgia católica, pode ser caracterizada por uma tensão que envolve, pelo menos três polos: uma certa lentidão em se compreender e se aplicar pastoralmente alguns princípios fundamentais emanados da reforma pós-conciliar; uma forte tendência de retrocesso à mentalidade pré-conciliar, sobretudo no concernente à celebração do sacramento da eucaristia (FRANCISCO, 2021, p. 14); um ávido desejo de que a liturgia celebrada corresponda às suas autênticas fontes e, por conseguinte, seja uma resposta profética de Deus para o homem de hoje. Esses três polos, em geral, parecem conviver entre si em nossas comunidades de fé.

Diante desse quadro, urge resgatar o tema do mistério da liturgia em nossos. Esse resgate foi também um dos principais alvos e uma das mais urgentes tarefas do concílio ecumênico Vaticano II (MARINI, 2018, p. 20). Uma tarefa que continua sendo também um dos maiores desafios para a reflexão litúrgica e para a pastoral eclesial dos nossos dias. Rumo à celebração da sexta década de conclusão o Concílio, somos insistentemente convidados a mergulhar nas profundas intuições da teologia conciliar, uma vez que elas certamente poderão nos oferecer subsídios para aprofundar os temas do mistério da Igreja e da liturgia (FAGGIOLI, 2013, p. 71).

Um dos resgates mais fecundos realizado pelo Concílio Vaticano II foi a reafirmação do tema da espiritualidade cristã como eixo e âmago da vida e missão da Igreja. Isso pode ser constatado nitidamente na célebre intuição do Concílio, segundo a qual a liturgia vem a ser o “cume e a fonte” de toda a vida da Igreja: “Todavia, a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força” (SC 10).

Essa intuição conciliar se encontra intencionalmente contextualizada no âmbito da teologia da revelação e, mais precisamente, numa ótica histórico salvífica. A partir desse

enfoque, a constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium* mostra à reflexão teológica contemporânea a necessidade de se resgatar a dimensão econômico-salvífica da revelação e da liturgia (BECKHÄUSER, 1988, p. 35). Tal procedimento do Vaticano II fundamenta-se essencialmente na teologia bíblica e na teologia litúrgica dos Padres da Igreja. Assim, se pode entender o porquê de a constituição litúrgica fazer a leitura do mistério da liturgia no contexto mais amplo de toda a história da salvação.

Creemos que o Vaticano II conseguiu demonstrar – de acordo com a mais genuína eclesiológica que havia resgatado – ser a espiritualidade litúrgica a mais viva e autêntica expressão da espiritualidade da Igreja (AUGÉ, 1998, p. 87). Além do mais, segundo as consequências do pensamento conciliar, não deveria haver qualquer discrepância ou contraposição entre a espiritualidade litúrgica e as diversas expressões espirituais que, ao longo dos séculos, passaram a compor e enriquecer o patrimônio eclesial.

Na Igreja, com efeito, cada expressão da espiritualidade cristã deveria ter como fundamento e paradigma a obra salvífica realizada através do mistério pascal de Cristo, do qual todos os fiéis são chamados a participar ativa e plenamente: “Deseja ardentemente a mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas” (SC 14). Ainda que seja uma riqueza para a Igreja a existência das várias “escolas de espiritualidade”, todas elas são insistentemente convidadas a brotarem da revelação bíblica e do mistério da liturgia (ISNARD, 2008, p. 119). Necessário se faz ainda lembrar que a Igreja tem como espiritualidade própria e específica aquela recebida de Cristo e da Igreja apostólica. Essa espiritualidade é o culto ao Pai “em Espírito e Verdade”, sempre efetivado por meio de Cristo (PANIMOLLE, 1984, p. 13).

Ao propor o mistério da liturgia como “cume” e “fonte” de toda a vida da Igreja, o Vaticano II é incisivo em sugerir que se promova, em todos os âmbitos da vida eclesial, uma verdadeira educação litúrgica dos batizados, a fim de que eles tendam a uma maturidade de fé que se explicita na participação cada vez mais plena e ativa dos mistérios cristãos. Essa maturidade é alcançada na medida em que a fé pessoal se fundamenta e se integra à fé da Igreja. A espiritualidade litúrgica, com efeito, tem um caráter de apelo à decisão pessoal da fé e, simultaneamente, traz consigo o dado objetivo de uma herança que o próprio Senhor confiou ao seu corpo místico. Além do mais, ela não cessa de manter os crentes numa permanente atitude de conversão ao Evangelho (FRANCISCO, 2013, n. 28).

Segundo a experiência que vem dos primórdios da Igreja, a espiritualidade cristã é chamada a encontrar na celebração litúrgica a sua consistência e envergadura máxima. Isso significa que o cristão é convidado a participar das maravilhas salvíficas operadas por Deus, através de seu encontro com o Cristo. Esse encontro é possibilitado pela ação do Espírito Santo operante na Igreja e no mistério de culto divino.

2 A ESPIRITUALIDADE DA IGREJA É UMA MÍSTICA SACRAMENTAL

O tema da experiência de Deus está em estreita relação com o da espiritualidade cristã, de tal forma que, caso queiramos nos manter na perspectiva neotestamentária, não podemos falar de um sem levarmos em consideração o outro. É de grande relevância para a reflexão teológica contemporânea aprofundar a mútua relação que existe entre o fenômeno da experiência de Deus e a sua carga expressiva no campo da espiritualidade.

Relevante e extremamente atual para a teologia cristã é também o despertar do interesse e da sensibilidade pela dimensão mística da vida humana em suas mais variadas formas e modalidades. O renascimento e a redescoberta do sagrado e da sede pelo mistério e pela mística, indubitavelmente, poderão encontrar a sua plena cidadania e o seu “lugar” mais legítimo na “Igreja-mistério” e na celebração dos “mistérios” da Igreja. Tal ensejo se fundamenta no fato de que a Igreja cristã, desde as suas origens, se manifesta ao mundo como um “organismo místico”, uma “mística pessoa”, conforme tão bem assinalou o teólogo alemão H. Mühlen (MÜHLEN, 1998, p. 91). Como tal, esse “organismo místico” ou essa “mística pessoa” – a Igreja – não pode não ser o “lugar teofânico” por excelência da revelação do Deus vivo e verdadeiro na história e no mundo.

O Espírito Santo era, no pensar dos Padres da Igreja, o agente que plasmava a mística cristã e o “cristão-místico”. Na realidade, em virtude de sua própria natureza batismal, o cristão sempre foi visto pela Tradição da Igreja como um místico, isto é, como alguém qualificado e capacitado a tomar parte nos “mistérios” celebrados pela Igreja, a saber, nos sacramentos da fé cristã (ARTUSO, 2002, p. 40). Importante ainda é salientar que, segundo os Padres da Igreja, o conceito de “espiritualidade” nada tinha de genérico e abstrato, e muito menos dizia respeito a experiências meramente personalistas ou subjetivistas da fé. Em geral, quando usavam o termo “*mysterion*”, os Padres pensavam na vida litúrgica transmitida pelo Senhor à sua Igreja (ALMEIDA, 2005, p. 75). Dessa mesma fé, nasce e matura a vida cristã. O dom da fé, entregue ao neófito na solene celebração dos sacramentos da iniciação cristã, exigia dele uma resposta pessoal ao Cristo ressuscitado e uma adesão existencial ao Evangelho – e isso sempre no âmbito da oração da Igreja do Senhor, da qual passara a ser um membro vivo.

Herdeiros do testemunho neotestamentário e patrístico, estamos habilitados a afirmar que a espiritualidade de Igreja ou espiritualidade cristã é, simultaneamente, cristológica, pneumática e sacramental e, por isso mesmo, “mística” (CORBON, 1999, p. 123). O mistério do Cristo encarnado e ressuscitado, sempre vivo e presente pela ação do Espírito Santo, é o conteúdo nuclear de nossas celebrações eclesiais. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II sugere-nos que o mistério pascal de Cristo, clímax da obra salvífica de Deus, torna-se presente e se atualiza na vida dos crentes através do culto divino, e isso em forma de celebração místico-sacramental (SC 6).

Sabemos que a expressão “mística sacramental” não é muito comum na linguagem teológica. Todavia, urge demonstrar o fundamento sacramental da mística cristã e a esteira de continuidade que existe entre a economia sacramental da Igreja e a vocação mística de cada

batizado. Para uma adequada releitura da liturgia e da celebração dos sacramentos em perspectiva mística, devemos, mais uma vez, nos apropriar daquela feliz imagem que o Concílio Vaticano aplica à liturgia como sendo o “cume e a fonte” de toda a vida da Igreja e, portanto, da mística cristã.

O termo “místico” (“*mystikós*”) diz respeito ao mistério da Igreja e de cada cristão e cristã. Por meio de Cristo, o “mistério escondido desde os séculos em Deus” (Ef 3,9) é agora anunciado, comunicado e celebrado nos mistérios sacramentais da Igreja. A consciência da realidade de uma mística eclesial e batismal – tão enfática nos primeiros séculos da fé cristã – é retomada pela reflexão teológica do século XX. Um dos teólogos que mais contribuiu com essa retomada foi L. Bouyer. Segundo ele, a noção de “*mystikós*”, em seu sentido original, havia sido extraída da revelação bíblica, e encontrava a sua aplicação concreta nos âmbitos litúrgico e espiritual (BOUYER, 1998, p. 192).

Convém destacar aqui o fundamento litúrgico-sacramental e o “lugar” celebrativo da espiritualidade e da mística cristã. Sendo essencialmente sacramental, a mística cristã brota, amadurece e se consuma no ambiente vital da liturgia e dos sacramentos. A vida mística cristã vem a ser, portanto, a gestação contínua da vida do Ressuscitado nos cristãos por meio da ação do Espírito Santo. Através dos sacramentos da iniciação cristã, os batizados começam um itinerário de crescimento e maturação, rumo à “unidade da fé e ao pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Conforme o projeto de Deus, portanto, o *homo christianus* é chamado a se deixar “cristificar” progressivamente, até que atinja a meta da sua fé: humanizar-se plenamente em Cristo, o homem novo.

CONCLUSÃO

O intuito da nossa exposição foi mostrar a urgência de se resgatar, tanto na reflexão teológica como na práxis cristã, a relação vital que sempre existiu entre liturgia e espiritualidade cristã. O que nos motivou a essa empreitada foi a fecunda e sempre atual proposta do Concílio Vaticano II, tão bem compendiada na seguinte proposta contida na constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, por nós já salientada: a liturgia é a “fonte e o cume” de toda a vida da Igreja. Essa tese conciliar tão eloquente, inspirada revelação bíblica e na tradição da Igreja, pede por ser continuamente retomada, aprofundada e atualizada. Essa é uma tarefa que compete não apenas à reflexão teológica, como também a todos os cristãos e cristãs que desejam perscrutar e aprofundar o dom da fé a fim de se comprometerem com essa mesma fé. É de competência da reflexão teológica, no entanto, continuar a investigação da teologia conciliar, de modo particular – e essa ênfase é posta em vista do objeto do tema aqui proposto – no que concerne à relação do inesgotável e fecundo binômio liturgia-espiritualidade da Igreja. A teologia atual, cremos, deve estar sempre aberta a se deixar surpreender pelos novos caminhos e surpresas que a novidade conciliar poderá lhe apontar. Aliás, quanto mais penetrarmos nos meandros da teologia litúrgica e eclesiológica proposta pelo Concílio, mais

ficaremos maravilhados com os seus desdobramentos e com as inúmeras aplicações que isso poderá oferecer na redescoberta da nossa fé.

A “espiritualidade cristã”, com efeito, desde os seus primórdios, foi experimentada e traduzida na catequese como a “espiritualidade da Igreja”. De cunho essencialmente trinitário, foi essa espiritualidade que modelou a experiência de fé dos cristãos e conferiu envergadura ao testemunho que eles deveriam dar diante do mundo. Como herdeiros dessa experiência de fé – que perpassou os séculos e que foi resgatada pelo Concílio Vaticano II –, cabe-nos a tarefa de aprofundar com seriedade o tema da “espiritualidade cristã” ou “espiritualidade litúrgica”. Essa tarefa, certamente, é um dos maiores contributos que a Igreja pode oferecer ao mundo de hoje, tão aberto às várias dimensões do transcendente e do sagrado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio José. *Lumen Gentium. A transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ARTUSO, Lorenzo. *Liturgia e spiritualità. Profilo storico*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2002.
- AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*. São Paulo: Ave-Maria, 1998.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar a vida cristã*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BOUYER, Louis. *Mysterion. Dal mistero alla mistica*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Lumen Gentium sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CORBON, Jean. *A fonte da liturgia*. Porto: Paulus, 1999.
- FAGGIOLI, Massimo. *Vera reforma. Liturgia ed ecclesiology nel Vaticano II*. Bologna: Editrice Dehoniane Bologna, 2913.
- FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, PP. *Motu proprio Traditionis Custodes*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, 2021.
- ISNARD, Clemente. *Viver a liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi Edições, 2008.
- MARINI, Piero. *Presidir a celebração da Eucaristia. Ars celebrandi*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- MÜHLEN, Heribert. *El Espíritu Santo en la Iglesia*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998.
- PANIMOLE, Salvatore Alberto. *L'adorazione di Dio in Spirito e verità*. In: BROVELLI, Franco. *Spirito Santo e liturgia*. Casale Monferrato: Marietti, 1984, p. 11-22.